

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A TRAJETÓRIA E O PROTAGONISMO DE EVANGELINA XAVIER DE CARVALHO NAS PÁGINAS DE “O CLARIM DA ALVORADA” (1924-1940)

Ingrid Andresa Neles de Aquino
Mestra em História Social – UFRRJ
ingridneles23@gmail.com

RESUMO

Esta apresentação intenciona contribuir com os estudos do pós-abolição no Brasil, sobretudo no que tange à historiografia das mulheres negras e à Imprensa Negra brasileira. O objetivo central consiste em problematizar como as questões relativas à raça, classe e gênero perpassavam os cotidianos de mulheres negras e escritoras do periódico paulista “O Clarim da Alvorada” (1924-1940). Somado a isto, elas tiveram vozes ativas, e suas demandas e mobilizações pela causa negra serão elucidadas com o intuito de observar o protagonismo dessas personagens dentro daquela imprensa. A trajetória de vida da colaboradora do periódico Evangelina Xavier de Carvalho será apresentada, assim como suas principais demandas, que se relacionavam à educação, racialização, beleza e embates de gênero. Refletiremos sobre as estratégias utilizadas pela população negra, dentro do campo de possibilidades que possuíam, para conseguir empregos e melhores modos de vida. Assim, ambiciona-se com tais análises tirar da invisibilidade a intelectualidade de mulheres que contribuíram para a formação e existência do movimento negro naqueles tempos, assim como levar o leitor a refletir sobre os embates de gênero presentes nos bastidores daquela imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Negra; protagonismo feminino; trajetórias; associativismo;

1. Introdução

Este trabalho nasceu como um desdobramento de minha dissertação de mestrado intitulada “Mulheres negras que não podem passar em branco: trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de O Clarim da Alvorada ¹(1924-1940)”, na qual analiso a escrita de mulheres negras dentro do periódico mencionado e como as relações de raça, classe e gênero atravessavam as suas vidas. Ao conhecer mais a fundo a historiografia da Imprensa Negra brasileira, obtive a surpresa de verificar a existência de pouquíssimos trabalhos acerca da atuação feminina dentro desses espaços. Era quase que unânime a narrativa de que aquele era um local majoritariamente masculino.

¹ Periódico da Imprensa Negra e de grande circulação em São Paulo durante o período de 1924-1940, sendo José Correia Leite e Jayme de Aguiar um de seus principais redatores.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No entanto, ao vasculhar pela fonte me deparei com a escrita de algumas mulheres no jornal, e por fim contabilizei a presença de 19 escritoras da folha, uma página feminina, clubes negros femininos e a atuação em diferentes formas e frentes. A minha escolha por este periódico se deve pelo fato dele obter maior período de circulação, e o recorte temporal desta pesquisa se dá seguindo justamente o tempo de existência do jornal. Ademais, possui muitos exemplares disponíveis e digitalizados, além de ser amplamente estudado, mas ainda assim permanece invisibilizando a produção feminina negra. Juntamente com ele, é feito uso de outros periódicos, de estatutos de clubes negros e a análise da entrevista concedida pelo redator do jornal ao jornalista Luiz Cuti, nos anos 1980.

Vale salientar, que até o momento, poucas pistas foram encontradas sobre as escritoras do jornal, o que não impossibilitou a análise de alguns de seus textos que aparecerão em diferentes momentos ao longo do texto. A apresentação trará um olhar mais cirúrgico ao investigar a trajetória de vida de Evangelina Xavier de Carvalho, suas ações e contribuições para o meio negro naqueles tempos. Utilizando a metodologia mais microscópica, e partindo para a busca a partir do nome como um fio condutor dentro da documentação², foi possível encontrar inúmeros rastros sobre Evangelina. De acordo com Geovani Levi, no decorrer da análise, “devemos observar as formas de solidariedade e cooperação seletiva adotadas para organizar a sobrevivência e o enriquecimento, ou seja, as amplas fontes de favores, dados ou esperados, através dos quais passam informações e trocas, reciprocidades e proteções”. (LEVI, 2000) A partir disso, foi possível averiguar os vínculos familiares e, mais além, as redes de sociabilidade que foram tecidas e que permitiram a existência e fortalecimento daquela comunidade negra.

2. Evangelina Xavier de Carvalho e uma breve análise da educação da população negra e paulista nos anos 1920.

² Metodologia que utiliza o nome como uma forma de encontrar demais documentos ou informações sobre um indivíduo; foi utilizada por Carlo Ginzburg, sendo explicada em: GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico**. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Na capa da primeira edição de 1927 do “*Clarim da Alvorada*”, na coluna principal, nota-se o texto escrito por Evangelina Xavier de Carvalho com o título “Ano velho e novo”. Ela discorre de modo quase que poético sobre as desgraças do ano anterior, como a perda de parentes, a fome e outras moléstias, por exemplo; mas, ao mesmo tempo, traz palavras de esperança e consolo para o novo ano que se iniciava. O que chama mais atenção em seu texto é quando se direciona às leitoras e contribuintes do periódico e exalta a importância do jornal para o “triunfo da raça preta”, como ela mesma escreve.

E vós, ó leitoras do Clarim d'Alvorada, ó amigas gentis, ó irmãs no sentir, juntae a vossa voz à minha e digamos: Se própria, ó Anno Novo, a quem fundou esse querido jornal que espalha por todos os lados bellas páginas cheias de conselhos e instruções; fazei que Elle resoe por todo o nosso querido Brasil que encerre em si o triumpho da raça preta o amor santo da Pátria e de Deus. (“*O Clarim da Alvorada*”, São Paulo, 15 jan, 1927, p.1.)

Por vezes chamada de leitora ou colaboradora, Evangelina era retratada com muito apreço pelos redatores, assim como a sua família. Quem seria esta mulher? Para buscar maiores informações sobre ela foi preciso estabelecer uma busca primeiramente dentro do próprio periódico, a partir da única informação que se tinha, que era o seu nome. Esse tipo de metodologia possibilitou o encontro de personagens da sua família e de dados biográficos sobre Evangelina.

O primeiro dado foi referente à sua data de aniversário, sem o ano de nascimento, a escola que estudava e o nome do seu pai. Após busca minuciosa dentro do “*O Clarim da Alvorada*”, foi preciso buscar outras fontes para completar o quebra-cabeça acerca da trajetória desta mulher. Embora não aparecesse nenhuma informação dentro dos demais jornais da imprensa negra sobre a personagem e sua família, uma série de dados foi encontrada nos periódicos “*Correio Paulistano*”, “*Correio de São Paulo*” e “*Gazeta*”, sobretudo em relação a seus familiares. Por vezes, para encontrar maiores informações sobre um sujeito histórico, se faz necessário ampliar a busca para as pessoas que estavam ao redor do personagem, que estabeleceu contatos, bem como para locais por onde se movimentou. Esse método também é eficaz até mesmo para descobrir os vínculos e possíveis redes de sociabilidade e ajuda mútua entre os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

indivíduos. Assim, foi possível saber que Evangelina Xavier de Carvalho nasceu em 29/09³, era solteira, filha de Eduardo Xavier de Carvalho e Maria Ruth Xavier de Carvalho, residentes em São Paulo, Capital. Evangelina possuía quatro irmãos, sendo eles Maria da Conceição Xavier de Carvalho (solteira, estudante da Escola Profissional Feminina de São Paulo e falecida em 1930 com apenas 25 anos), Beatriz Xavier de Carvalho (casada com Oscar Cesar, em 1931), Eduardo Xavier de Carvalho (sendo caracterizado como “jovem moço”) e Jorge Xavier de Carvalho (indícios no periódico “O Clarim da Alvorada” de que era uma criança).⁴

Quanto a sua profissão, Evangelina era professora, formada pela Escola normal do Brás, que o jornal costumava salientar. É interessante perceber que ela e a sua irmã, Maria da Conceição Xavier de Carvalho, conseguiram estudar em escolas femininas na cidade de São Paulo, em um contexto em que o analfabetismo era forte entre os grupos mais pobres da sociedade, sobretudo negros e principalmente mulheres. “Festejou mais alguns anos, nossa prezada colaboradora, aluna da Escola Normal do Bras.” “A 29 do mês passado, colheu também, mais uma flor no jardim de sua existência risonha, a senhorinha Evangelina Xavier de Carvalho, nossa colaboradora e um dos mais belos adornos do nosso meio social”. (“O Clarim da Alvorada”, São Paulo, 15 jan, 1927, p.1.) A presença feminina no “*Clarim da Alvorada*” é destacada como honrosa e singular; ser uma mulher negra leitora, em tempos de forte analfabetismo, demonstrava o seu grau de instrução em relação às outras. Vale salientar que, com os indícios investigados até o momento, não há como afirmar a existência de uma elite feminina negra e letrada. Evangelina é a única escritora da folha que, quando mencionada, tem a sua formação escolar ressaltada pelos redatores. Já as demais por vezes eram ressaltadas como inteligentes ou distintas. Esse fator demonstra os requisitos necessários para fazer parte

³ Até o presente momento não há informações quanto ao ano de nascimento da personagem, sendo este fator fundamental para que se busque a sua certidão de nascimento e demais documentos. Também não consegui localizar dados sobre ela e sua família no site familysearch.org, assim como no Dicionário Histórico Biográfico (FGV).

⁴ Seguem as fontes das informações prestadas. Nascimento da personagem: “O Clarim da Alvorada”, 1926, edição: 22, p. 4; Estudante da escola Normal do Brás: “O Clarim da Alvorada”, 1926, edição: 22, p. 4; Associados ao Centro Cívico Palmares: “O Clarim da Alvorada”, 1929, edição: 21, p. 4; Profissão: “Correio Paulistano”, 1930, p. 4, edição: 23861; Estado Civil: “Correio Paulistano”, 1930, edição: 24140; Maria da Conceição Xavier de Carvalho (“Correio Paulistano” edição: 23860, 1930, p.6; Certidão de óbito: Cemitério do Araçá, vol. 101, p.129, 11.05.1930), Beatriz Xavier de Carvalho (edição: 36, 1931), Eduardo e Jorge Xavier de Carvalho (edição: 06, 1928 – p. 4).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

daquele meio. Ademais, ao salientar os atributos das colaboradoras, revela-se uma possível estratégia a fim de dar maior credibilidade ao periódico e talvez à escrita das próprias mulheres. Isto porque, como já exposto, o machismo também era presente entre os homens de cor.

Em finais do século XIX e início do XX, São Paulo havia se tornado o centro cafeeiro e passou por um forte processo de urbanização, devido ao seu crescimento econômico. Juntamente com esse processo estavam os ideais de progresso, racionalidade e higienização. Para que a organização acontecesse de forma efetiva, era preciso estruturar o sistema educacional e, com isso, a educação escolar passava a ser valorizada pela alta sociedade paulista como um meio de adquirir o progresso da nação, assim como nas demais potências europeias.

Desse modo, no decorrer da Primeira República e dentro dos centros urbanos, houve a criação de espaços escolares educacionais, seguindo o modelo de grupo escolar, ou seja, na prática, era o agrupamento de algumas escolas dentro de um mesmo prédio. Inclusive, Eduardo Xavier de Carvalho – pai de Evangelina – foi contratado em 1908 para trabalhar como porteiro do Grupo Escolar Santo Antônio¹²⁴, no qual permaneceu trabalhando até o seu falecimento em 1927.

“Faleceu no dia 28 de julho, nesta Capital, a rua Canuto do Val 14, sr. Eduardo Xavier de Carvalho, prezado leitor desta folha, pai da senhorita Evangelina Xavier de Carvalho, estudante da Escola Normal do Braz, nossa colaboradora. O extinto morto exerceu por muitos anos o cargo de porteiro do Grupo Escolar Santo Antonio”. (“*O Clarim da Alvorada*”, São Paulo, 1927.)

Talvez o fato de pertencer a um determinado grupo escolar, sabendo-se da relação entre eles no círculo educacional, pode ter colaborado com a entrada de suas filhas em escolas frequentadas por membros da classe média paulista. É bom assinalar que os espaços escolares foram criados pensando na educação dos filhos de membros da elite brasileira. No que tange à educação feminina, a escola passou a ter a responsabilidade de exercer o controle sobre elas e de reforçar papéis sociais e hierarquias pautadas no gênero. Isso acontecia, por exemplo, quando se diferenciava os conteúdos curriculares que deveriam ser ensinados para meninas e meninos. A educação tinha o papel de condicionar as mulheres, preparando-as para o casamento e para a maternidade. O meio educacional tinha uma função que visava ser mais socializadora, no sentido de domesticar e criar

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

corpos femininos dóceis, do que ser libertadora. (AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio, 2006/ CARVALHO, Marta, 2003)

De acordo com o “*Clarim da Alvorada*”, Evangelina estudou na Escola Normal do Brás, como já mencionado anteriormente. A personagem residia em Santa Cecília, bairro em São Paulo relativamente próximo à localização da escola. No século XX, a cidade passava por forte industrialização, e com isso, alguns bairros eram formados por operários. Este era o caso do Brás, que contava com uma classe operária e muitos imigrantes. E nesta localidade foi instalada a instituição escolar voltada para o ensino normal de meninas. Seguindo os padrões de urbanização da cidade, a Escola Normal do Brás ⁵foi criada em 1912 e possuía como um de seus objetivos proporcionar oportunidade educacional para a população do próprio bairro, que normalmente era de membros do operariado.

Todavia, a partir de pesquisas acadêmicas feitas sobre essas escolas, foi possível perceber que as alunas normalistas eram de famílias de classe média, em detrimento das camadas mais pobres da sociedade. Esse fator também era comum nas demais escolas paulistas, o que dificultava a alfabetização de determinados grupos, como a população negra, por exemplo, sobretudo as mulheres. (LOPES, Fernanda; VIVIANI, Luciana Maria, 2012)

A escola primária brasileira atingia uma parcela ainda muito reduzida da sociedade. Forçoso é lembrar que, afinal, ainda em 1888 o Brasil possuía 750 mil escravos, cujo acesso à escolarização havia sido negado historicamente. Em 1872, entre os escravos, o índice de analfabetismo atingia 99,9% e entre a população livre, aproximadamente 80%. Em 1888, apenas 2% da população total estava matriculada no ensino elementar. Vinte anos depois, em 1907, a matrícula na escola primária não chegava a atingir 3% da população brasileira [...] Nos anos 1920, o Brasil exibira índices de analfabetismo ainda em torno de 80%. (XAVIER, Libânia Nacif, 2005. p. 102.)

Mesmo após a abolição, suas vidas eram voltadas para o trabalho árduo a fim de manter a estrutura familiar, não sobrando tempo e recursos financeiros para a entrada em ambientes formais de ensino. Observa-se que, no decorrer da escravidão, a

⁵ A escola é tombada (25.591/87) pelo Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado e se encontra em funcionamento; após o tombamento, uma série de ações foram promovidas visando a guarda e a manutenção da documentação. Com isso, entre os anos de 2007 e 2009 foi criado o Centro de memória escolar; no entanto, ao entrar em contato com a Escola, a direção informou que este local se encontra fechado, sem a possibilidade de visita e pesquisa aos documentos, por falta de funcionários para conduzir a ação. Vale salientar que a escola possui dados cadastrais de seus alunos até a década de 1940, período que abarca o momento em que Evangelina Xavier foi aluna do colégio.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

escolarização enquanto um serviço público oferecido pelo Estado era praticamente negada⁶, e, após a abolição, os índices de analfabetismo eram alarmantes. Embora a população negra fosse amplamente afetada por não estar inserida em meios formais de ensino, o letramento não deixava de acontecer para alguns. O próprio José Correia Leite, redator d'“O Clarim da Alvorada”, se alfabetizou de modo autodidata e obteve o auxílio de seu amigo e também redator da folha, Jayme de Aguiar. Inclusive, a quantidade de negros e mulatos que liam o periódico é de fato considerável para a época. Essa estimativa é baseada na tiragem, que era de aproximadamente entre 1000 e 2000 exemplares. Na década de 1920, a população negra na capital de São Paulo era de 52.112 pessoas e esse número representava 9% da população total paulista. A partir dessas estimativas, o historiador Petrônio Domingues acredita que de 4% a 8% da população negra e mulata era leitora d'“O Clarim da Alvorada”. (FLORESTAN, Fernandes, 1974; DOMINGUES, Petrônio, 2008)

É latente a preocupação do periódico com a educação da população negra como um todo, independente da questão do gênero; mas cabe salientar que o jornal não deixou de frisar o papel social a ser desempenhado pelas mulheres. Por vezes, os redatores falavam que o desenvolvimento social e econômico do negro seria conquistado a partir da educação.

Instrução é a cultura do nosso espírito quando intellectual e material quando procuramos aprender uma disciplina que nos auxilie, materialmente como sejam as várias profissões [...] Também o adulto vae a escola. A escola é o recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as sciencias, artes, musica, etc [...] Oh Paes! Mandaes vossos filhos ao templo da instrucção intellectual – a escola – não os deixais analphabetos como dantes! Hoje temos tudo, aproveitaes as horas nocturnas si os trabalhos vos impedem. Ides a escola! Aproveitaes o precioso tempo para engrandecer a nossa raça e o nosso querido Brasil! (“Clarim da Alvorada”, São Paulo, 3 fev, 1924, p. 2.)

Neste fragmento, José Correia Leite reforçou a importância de os pais estimularem os seus filhos a frequentarem a escola, local esse considerado pelo redator como um

⁶ Algumas legislações foram criadas sobre o acesso de escravizados, libertos e seus descendentes à educação formal. Como por exemplo: Decreto N.1331-A, 17 de fevereiro de 1854, que no artigo 68, parágrafo 3º, proibia a entrada de escravos em ambientes de ensino. Em 6 de setembro de 1878, foi publicado o decreto 7031-A, que permitia a matrícula, em cursos noturnos, de negros do sexo masculino e libertos, desde que maiores de 14 anos. Em 1911 ocorreu a Reforma Ridávia Correia, que entre diversas determinações para os grupos escolares, exigia exames admissionais e o pagamento de taxas, para que a matrícula fosse efetivada. Tal fator, dificultava a entrada das camadas mais pobres da sociedade. Para maiores informações: ALMEIDA, Marco; SANCHEZ, Lívia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 2, p. 234-246, 2016.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

templo para a instrução intelectual. Convidou a população negra, inclusive se reportando aos adultos, a usarem o tempo que possuíam para estudar. Para ele, esta seria uma forma de diminuir o analfabetismo, enaltecer a raça e também o Brasil.

Enquanto em São Paulo a população negra lutava pela formação de grupos escolares e cursos noturnos para que pudessem estudar, nota-se que dentro daquele mesmo contexto houve um aumento de escolas estrangeiras devido à imigração, como pode-se observar na tabela abaixo. Cabe salientar que aquele era o momento de entrada expressiva de imigrantes no país, por isso a formação de tantas escolas, sendo algumas financiadas por seus governos estrangeiros. Assim, através dos dados apresentados podemos perceber que, enquanto a população imigrante conseguia se instruir através de meios formais de ensino, a população negra do próprio país já crescia na margem daquela sociedade, aumentando assim a desigualdade social. Por isso, foi muito comum o aumento de clubes e associações voltados não apenas para o divertimento, mas sobretudo à educação da população negra. (MACHADO, 2009)

Tabela 1: Nacionalidade das Escolas de São Paulo – 1917

Nacionalidade	Nº de Estabelecimentos	Percentual de escolas	Nº de Alunos
Escolas italianas	49	48,51%	6882
Escolas alemãs	37	36,63%	3887
Escolas suíças	2	1,98%	62
Escolas portuguesas	4	3,96%	304
Escolas francesas	2	1,98%	399
Escolas norte-americanas	6	5,94%	1676
Escolas inglesas	1	0,99%	185
Total	101	100,00%	13925

Fonte: Anuário do Ensino, 1917. In: DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. A escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século. Revista da Associação Nacional de Educação – ANDE n14, p. 51-60, 1989.

Vale salientar que a busca por socialização com os iguais ocorreu desde os tempos coloniais, com a formação das irmandades negras que possuíam estratégias de solidariedade e resistência. Durante o período Imperial, em diferentes localidades do Brasil, além da formação de espaços de sociabilidade, criaram a sua própria imprensa, a fim de conservar garantias individuais e construir uma voz coletiva para fortalecer o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

grupo. Em finais do Império, com seu enfraquecimento e desestruturação do sistema escravista, há o aumento significativo desses espaços entre libertos e cativos. Os objetivos por vezes eram distintos, mas a unidade estava presente no que tange ao esforço de abolir a escravidão. Ao seu fim, abria-se um novo campo de possibilidades, assim como foi possível identificar o inimigo a ser combatido, nesse caso a discriminação racial. Como a população branca não conseguia conviver com os recém libertos e posteriormente com seus descendentes, construíram hierarquias sociais pautadas na cor, buscando estigmatizar os negros. Assim, o pós-abolição é marcado pela tentativa dessa população estigmatizada em viver plenamente a cidadania e construir a liberdade. (SILVA, 2011; PINTO, 2006; MATTOS, 2005).

3. Associativismo Negro e feminino

Ao se analisar as páginas d“O Clarim da Alvorada”, é notória a articulação que era estabelecida com os clubes. Inclusive, os trabalhos acerca das associações negras utilizam uma série de jornais da imprensa negra como fonte documental, devido às informações contidas sobre esses espaços. Observa-se que alguns periódicos nasceram como fruto das associações, por isso alguns possuíam caráter noticioso em relação a aniversários, batizados, falecimentos, nomeações, entre tantos outros eventos que faziam parte do cotidiano das pessoas que eram associadas aos clubes. O “Clarim da Alvorada” não nasceu como fruto de uma determinada associação negra, mas mantinha relações com diversas organizações⁷, e trazia em suas páginas informações acerca dos bailes, dos associados, das principais lideranças e algumas demandas. Em 1924, na segunda edição do periódico, há uma coluna de agradecimentos a diversos clubes, a mulheres e também a clubes negros femininos, sendo eles: “Sociedade Recreativo Brinco das Princesas” e “As Margaridas”⁸ Até o momento, há poucas pesquisas acerca dessas associações em específico, e que por vezes são citadas dentro da imprensa negra. Em 22 de Junho de 1917, estiveram reunidas um grupo de senhoras e senhoritas para

⁷ XV de Novembro, XIII de Maio, Paulistano, Primavera, Bandeirantes, Flor da Mocidade, União Brasil e Militar, Rio Branco, Princesa do Sul, entre outras.

⁸ De acordo com a edição 14 do “Clarim da Alvorada” de 1925, o Clube das margaridas conseguiu fundar o seu estatuto no mês de agosto daquele ano. Porém, ao percorrer a documentação no Arquivo Público de São Paulo, não há outros documentos existentes quanto a este clube.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fundarem o “Grêmio Recreativo Brinco das Princesas”, em São Paulo, na Capital, como consta em seu estatuto. O objetivo do clube era reunir damas para divertimento. Observa-se que a cor delas não é ressaltada e o clube também admitia homens em sua organização, porém a preponderância era feminina. Embora não apareçam os nomes das lideranças, menciona-se um quadro de responsáveis sempre no gênero feminino. Outra fonte que revela mais algumas informações sobre o clube, é a menção feita pelo redator em sua biografia.

A sociedade brinco das princesas – mantida por cozinheiras – deu uma festa. Os membros da imprensa, diretores dos pequenos jornais, eram recebidos na porta por uma comissão de damas que os levava aos lugares já destinados. [...] nessa festa do “brinco das princesas” eu percebi que na mesa dos convidados especiais havia só talheres de cristófer e louças de porcelana. Eram utensílios que as diretoras da sociedade emprestavam das famílias para quem trabalhavam. Depois de terminada aquela primeira mesa, tudo foi recolhido com o maior cuidado. A festa era financiada pelas próprias cozinheiras. Eu estava lá como representante d’O Clarim. (CUTI [Luiz Silva],2007)

Observa-se que o redator salienta que o grupo era composto por cozinheiras, que cuidadosamente organizavam bailes e festas e no decorrer do jantar utilizavam as louças das casas dos seus patrões, fazendo a devolução após o evento. Além disso, as senhoras financiavam e organizavam aquelas festas. Vale salientar que alguns bailes eram cobrados, e por vezes contavam com o leilão de prendas. Logo, todos esses esforços contribuíam tanto para angariar mais alguns recursos como para o fortalecimento da própria comunidade negra. Algumas lideranças femininas são mencionadas n’“O Clarim da Alvorada”, como a Dona Banta de Oliveira (leitora da folha e presidente do Clube Brinco das princesas) e Lavínia Horta (responsável pelo Grupo das margaridas e leitora do periódico), por exemplo. Não há maiores informações sobre essas mulheres dentro do jornal, assim como seus nomes não são mencionados, pelo menos dos modos como aqui foram escritos, em outras páginas da imprensa negra e até mesmo na imprensa comum.

De acordo com Petrônio Domingues, essas mulheres atuavam de diferentes formas, sendo por vezes relegadas a desempenharem papéis que os homens consideravam de pouca relevância, como atividades recreativas e de assistência social, por exemplo. Todavia, “O Clarim da Alvorada” costumava ovacionar as mulheres que desenvolviam este tipo de atividade, como podemos observar abaixo:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Natal das crianças negras! Graças aos esforços da senhorita Adalgisa Correa Lobo este anno, a petizada do bairro Bela Vista, tiveram a sua hora de alegria. A promotora desta bela tarde infantil realizou no dia primeiro a distribuição de brinquedos ao elevado número de crianças que afluíram aquella [...] Nós que a convite da senhora Adalgisa, lá comparecemos com os garotos que formam a alegria desta tenda, presenciamos com satisfação, a boa ordem e justeza, com que fora organizado este belo acto de sociabilidade. O Clarim da Alvorada envia os seus parabéns a bela atitude louvável. (“O Clarim da Alvorada”, São Paulo, 25 jan.1930, p. 2.)

Ressalta-se neste artigo a ação realizada pela escritora Adalgisa Correa Lobo durante o natal, ao presentear as crianças negras do bairro da Boa Vista. O ato de sociabilidade promovido foi visto como uma atitude louvável, e os próprios membros do Clarim afirmavam ter participado da festa. Assim, as ações daquelas mulheres, por vezes beneficentes, contribuíam com a construção da unidade negra, e em alguns momentos conseguiam angariar recursos para a existência de veículos de resistência negra, como os periódicos e clubes. (DOMINGUES, 2007)

Em 1929, na 21ª edição do periódico, há uma coluna com os nomes das associadas na Fundação Centro Cívico Palmares. Para a historiografia do pós-abolição, este clube foi um dos mais importantes da época devido às suas propostas de elevação cultural, política, sua capacidade de organização e forte penetração na comunidade de cor. ⁹Entre tantas mulheres listadas, constava a presença de Evangelina Xavier de Carvalho, sua mãe Maria Ruth Xavier de Carvalho e suas irmãs Maria da Conceição Xavier de Carvalho e Beatriz Xavier de Carvalho. Ou seja, uma geração familiar de mulheres negras, assim como os demais membros daquela família, atuava de algum modo dentro do movimento negro. O periódico apenas informava que faziam parte dessa associação, mas não traz informações acerca das atividades que aquelas e outras mulheres desempenhavam. A fim de descobrir se Evangelina ou demais membros de sua família faziam parte da diretoria daquele clube, foi preciso buscar o estatuto do Clube. Em setembro de 1926, em São Paulo e na Capital, foi fundado o Clube Centro Cívico Palmares. De acordo com o estatuto, que se encontra no Arquivo Público de São Paulo, o seu objetivo era zelar pelo interesse dos homens pretos, facilitar a instrução física, moral e intelectual, manter uma biblioteca, realizar reuniões semanais para tratar de assuntos sociais, manter escolas de educação física e aperfeiçoamento para analfabetos. Há também a formação do quadro de funções que cada liderança iria desempenhar.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Observa-se que, embora as mulheres fizessem parte da associação, não integravam a diretoria. Vale destacar a presença de Isaltino Veiga dos Santos e Manoel Antonio dos Santos, ambos redatores do periódico, e que também contribuíram para a fundação do clube. Desse modo, é interessante perceber que há um sentimento dentro do jornal de familiaridade com a comunidade negra que estava além das páginas daquele periódico. De fato, existia uma ampla rede de ajuda mútua e luta por demandas em comum, que contava com a colaboração de famílias negras inteiras.

Ao buscar a atuação de Evangelina dentro de outros periódicos da imprensa comum, foi possível observar a sua participação no “Clube Negro de Cultura Social”. De acordo com o “Correio de São Paulo”, em 13 de maio de 1933, o clube juntamente com a Liga suburbana organizaram provas de atletismo especificamente com os negros suburbanos. O objetivo principal era comemorar o 13 de maio e homenagear os atletas negros. Ao final da competição, Evangelina foi convidada para entregar a premiação ao vencedor representando o departamento feminino do clube. Observa-se também a presença de Gervásio de Moraes, que além de ter sido escritor d’“O Clarim da Alvorada” foi membro ativo da Frente Negra brasileira. O que de fato cabe destacar aqui é a presença da personagem em mais um Clube negro e a sua atuação dentro do departamento feminino. De acordo com a fonte, a sua participação se deu apenas na entrega de uma premiação, porém não se podem esquecer as atuações nos bastidores, que nem sempre são contempladas. Além disso, estar em um ambiente marcadamente composto por homens, como na competição de atletismo, deve ter gerado uma série de embates de gêneros.¹⁰

A escrita poética de Evangelina não ficou apenas confinada n’“O Clarim da Alvorada”, mas também foi repercutida na “Rádio Telephonia”, que publicava no periódico “Gazeta” a programação diária. Ao percorrer tal fonte, foi possível encontrar, no dia 13 de maio de 1930, uma série de homenagens ao líder abolicionista negro Luis Gama, e a participação de Evangelina juntamente com outras lideranças do movimento negro na rádio, como Lino Guedes¹¹, por exemplo.

Das três horas em diante – Programa do Festival que a Comissão pró-Herma

¹⁰ “Correio de São Paulo”, São Paulo, 13. Maio 1933, edição 284, p.5

¹¹ Filho de ex-escravizados, foi jornalista de diversos jornais e em 1923 fundou o periódico da Imprensa Negra “Getulino”. Membro ativo do Centro Cívico Palmares e conseguiu escrever algumas vezes para o “Clarim da Alvorada”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Luis Gama” oferece aos sócios da Rádio Educadora Paulista. 1º Parte: Marcílio Campos: Luiz Gama – marcha do grupo negro de revistas; No cemitério de S. Benedito: poesia declamada pela srta. Prof. Evangelina Xavier de Carvalho. [...] Samba realizado pela senhorita Virgínia Campos; [...] 2ª Parte: Episódios da vida atribulada de Luiz Gama; Palestra pelo Sr. Lino Guedes. (“Gazeta”, São Paulo, 13.Mai, 1930, p. 2.)

Observa-se que Evangelina declarou poesias sobre Luis Gama no cemitério em que ele foi sepultado. Infelizmente a fonte não revela a poesia escrita, já que se trata de uma programação da rádio. Visitar os túmulos de lideranças abolicionistas negras e prestar homenagens era uma prática comum da comunidade negra, e em alguns momentos “O Clarim da Alvorada” chegou a mencionar tais feitos. Ao se analisarem algumas edições do dia 13 de maio, observa-se que geralmente eram mais longas e cheias de imagens de Luis Gama, José do Patrocínio, André Rebouças, entre tantos outros abolicionistas negros. Também comentavam sobre as festas nos clubes e associações, nos quais não apenas celebravam a libertação, mas também aproveitavam as ocasiões para tecerem algumas críticas ao movimento negro, ou ao governo que não proporcionava melhores condições de vida.

Era muito comum que clubes, em conjunto com os periódicos da imprensa negra, desenvolvessem concursos de beleza, que geralmente eram femininos. Para contrapor os estereótipos de feiura, sexualidade e animalização que foram construídos no decorrer da escravidão e também posteriormente acerca do corpo negro, era comum que dentro da comunidade de cor a beleza negra fosse enaltecida. Ou seja, a estética era utilizada como um meio de resistência e transgressão a todo o tipo de preconceito racial construído. A partir disso, observa-se a participação de Evangelina no concurso de beleza e jogos atléticos promovidos pelo Clube Negro de Cultura Social, que a elegeu como rainha. “*O Clube Negro de Cultura Social promoveu a poucos, um interessante concurso para a eleição de sua “rainha”, de que saiu grandemente votada a gentil srta. Evangelina Xavier de Carvalho. [...] (“Correio Paulistano”, São Paulo, 4 Dez, 1934, p.7.)*Ao final do concurso, com a consequente vitória de Evangelina, a Liga Suburbana de Atletismo utilizou o seu nome na taça que foi dada durante o campeonato. “*1º turma do camões, taça Evangelina Xavier de Carvalho, com 38 pontos;*” (“Correio Paulistano”, São Paulo, 4 Dez, 1934, p.7.) Não há menções dos quesitos que foram necessários para a personagem ter sido escolhida pelo clube, apenas a retratam como

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma senhorita gentil. Todavia, vale lembrar que, no ano anterior, como já mencionado, ela havia representado o departamento feminino do clube e feito a premiação do mesmo grupo de atletismo. Logo, havia muito envolvimento de Evangelina com aquele Clube Negro, juntamente com os atletas. (CORTES, 2012)

Evangelina, dentro do campo de possibilidades que possuía, encontrou brechas dentro de um sistema patriarcal e racista para fazer ecoar a sua voz através do rádio, ter a sua escrita e suas ações nas páginas de diferentes jornais, conseguir vencer um concurso de beleza, entre tantos outros feitos que não conseguiram ser desvendados e postos neste trabalho. Todavia, vale ressaltar que este foi um pontapé inicial para que novas pesquisas sobre as intelectuais negras e escritoras d’“O Clarim da Alvorada” possam prosseguir.

Considerações Finais

O objetivo central deste trabalho foi apresentar a participação ativa, assim como a produção intelectual, de mulheres negras no periódico “O Clarim da Alvorada”, e as estratégias construídas por essas personagens dentro de um sistema patriarcal e racista. Ao olhar para as suas escritas foi possível observar os seus anseios dentro da comunidade negra, assim como as tensões existentes por conta do gênero naquele espaço. A partir disso, observamos como aquelas mulheres encontraram margens de agência, conseguindo assim articular as suas ideias na folha e mobilizar demais mulheres.

Mesmo com pouca documentação biográfica sobre as mulheres pesquisadas, a partir do desenvolvimento de metodologias utilizadas para rastrear sujeitos históricos, foi possível encontrar maiores informações sobre as personagens, possibilitando maior aproximação e entendimento de suas demandas. A partir disso, uma série de problematizações acerca da beleza, racialização, educação, entre tantos outros temas, foram analisadas a partir da trajetória de suas vidas. Com isso, percorrer tais histórias nos mostrou as dificuldades que eram enfrentadas por aquelas que eram mulheres e carregavam a cor.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Nara; FERREIRA, Luiz Otávio. **Modernização, políticas públicas e sistema de gênero no Brasil: educação e profissionalização feminina entre as décadas de 1920 e 1940**. Cadernos Pagu, n.27, julho-dezembro de 2006, p. 216

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança paulista: EDUSF, 2003

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição. **“Leitoras”: Gênero, raça, imagem e discurso em O Menelik (São Paulo, 1915-1916)**. Afro-Ásia, n: 46, 2012, p.175.

DOMINGUES, Petrônio. **“Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta anti-racista no Brasil”**, Cadernos Pagu, v. 1, n. 28 (2007), p. 371.

_____; **A nova abolição**. São Paulo: Selo NEGRO, 2008

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978, p.108.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico**. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva]; ... **E disse o velho militante**. São Paulo: Noovha América, 2007

LEVI, Giovanni. **Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LOPES, Fernanda; VIVIANI, Luciana Maria. **A escola normal “Padre Anchieta”: configurações institucionais no início do século XX**. 64ª Reunião Anual da SBPC. UFMA: São Luís, MA; 22 – 27 de julho, 2012.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

MACHADO, Carlos Eduardo Dias. **População negra e escolarização na cidade de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930**. Dissertação (Mestrado em História Social), USP, São Paulo, 2009, p.70.

MATTOS, Hebe Maria. RIOS, Ana Lugão. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005; SILVA, Op.Cit., p.41.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta: a imprensa negra no século XIX (1833-1899)**. Dissertação (Mestrado em História), UNB, Brasília, 2006, p.14.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943)**. Dissertação (Mestrado em História), PUCRS, Porto Alegre, 2011, p. 34-36;

XAVIER, Libânia Nacif. **Escola, Culturas e saberes**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 102.